

## O LUGAR DA RESIDUALIDADE NA MODERNA CRÍTICA LITERÁRIA

### *THE PLACE OF RESIDUALITY IN MODERN LITERARY CRITICISM*

Tallyson Tamberg Cavalcante Oliveira da Silva (UERJ)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como principal objetivo o apontamento de algumas reflexões acerca da inter-relação entre o campo investigativo dos Estudos Culturais e a seara da chamada Literatura Comparada, de modo a evidenciar as mútuas contribuições metodológicas que se tem desenvolvido entre essas áreas do saber humano. A partir disso, apresenta-se, aqui, a sistematização da teoria da residualidade como fruto desse diálogo transdisciplinar. Pensada pelo poeta, ensaísta e pesquisador cearense Roberto Pontes, a residualidade é um constructo teórico ambientado nos estudos literários, mas que se utiliza de diversas perspectivas e vieses metodológicos, dialogando principalmente com o campo dos Estudos Culturais a partir do pensamento do teórico britânico Raymond Williams (1979). Evidencia-se, desse modo, que a sistematização do método investigativo da Residualidade foi fruto desses diálogos e contribuições dos chamados *Cultural Studies* para com a Literatura Comparada, resultado da moderna descentralização e pluralismo no âmbito dos estudos literários de teor comparatista. A apresentação dessas inter-relações metodológicas na moderna crítica literária comparatista é, portanto, o fulcro central deste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos Culturais; Literatura Comparada; Residualidade; Interdisciplinaridade; Crítica Literária.

**ABSTRACT:** The main objective of this work is to highlight some reflections on the interrelationship between the investigative field of Cultural Studies and the area of so-called Comparative Literature, in order to highlight the mutual methodological contributions that have developed between these areas of human knowledge. . Based on this, the systematization of the theory of residuality is presented here as a result of this transdisciplinary dialogue. Designed by the poet, essayist and researcher from Ceará Roberto Pontes, residuality is a theoretical construct set within literary studies, but which uses different perspectives and methodological biases, dialoguing mainly with the field of Cultural Studies based on the thinking of the British theorist Raymond Williams (1979). It is evident, therefore, that the systematization of the Residuality investigative method was the result of these dialogues and contributions from the so-called Cultural Studies to Comparative Literature, a result of modern decentralization and pluralism within the scope of literary studies with a comparative content. The presentation of these methodological interrelations in modern comparative literary criticism is, therefore, the central focus of this work.

**KEYWORDS:** Cultural Studies; Comparative Literature; Residuality; Interdisciplinarity; Literary Criticism.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras, atuando na área de Estudos Literários, especialidade em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com bolsa de Doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. <http://lattes.cnpq.br/9771575925617540>

## INTRODUÇÃO.

A Literatura Comparada tem sofrido e vem sofrendo, nas últimas décadas, algumas notórias mudanças tanto em seu campo de atuação quanto em seus aspectos metodológicos. Tais fatos são decorrentes do desenvolvimento que a disciplina tem passado, muito em consequência ao advento da moderna descentralização e pluralismo no âmbito dos estudos literários, especialmente a partir da influência dos chamados Estudos Culturais. Desse modo, o teor exclusivamente eurocêntrico e elitista que por décadas imperou no interior da Literatura Comparada tem sofrido paulatina transformação, notadamente a partir da década de 70, quando começaram a despontar, na agenda da disciplina, um discurso mais plural, descentrado e consciente das diferenças que identificam cada corpus literário envolvido no processo da comparação.

O pesquisador Eduardo de Faria Coutinho, em seus escritos, tem chamado de “Novo Comparatismo” a essa nova roupagem no campo da Literatura Comparada, cujas principais características, como frisado, tem sido a diversidade de seus vieses metodológicos, bem como o pluralismo de seu escrutínio analítico. Essas mudanças no âmbito do comparatismo literário têm seguido, conforme exposto, a uma tendência geral no interior das Ciências Humanas, em que a transdisciplinaridade tem sido a tônica preponderante. Sobre esse aspecto, enfatiza o mencionado estudioso (2017):

A interdisciplinaridade, ou transdisciplinaridade, era em geral inadmissível e, nos poucos casos em que era cogitada, era vista como uma invasão de território e imediatamente descartada. Atualmente, porém, com o questionamento empreendido em torno de noções até então pouco ou nada discutíveis, como a de “identidade”, que vêm sofrendo constante reconfiguração, o confinamento das disciplinas dentro de seus próprios limites revelou-se absolutamente inadequado, e não só a interdisciplinaridade tornou-se uma palavra de ordem na apreensão do conhecimento, como as próprias fronteiras entre as disciplinas ou áreas do saber passaram a ser alvo de constante e intensa indagação (p. 09).

Essa tendência à transdisciplinaridade que tocou as Ciências Humanas, de um modo geral, também fez terreno no campo dos estudos literários, com especial destaque para o campo da Literatura Comparada, dado o cunho dialógico que sempre marcou a disciplina em sua própria constituição, afinal os procedimentos ligados a esse campo investigativo sempre foram justamente a comparação, o cotejamento e o diálogo entre culturas literárias. Ainda assim, desde o seu nascimento, com a voga do Positivismo no século XIX, a Literatura Comparada sempre manteve muito claras as suas fronteiras e o seu teor centralizador de cunho eurocêntrico. Essas

marcas só recentemente têm sido diluídas, com o advento das mencionadas correntes de índole desconstrutivista, a exemplo dos Estudos Culturais e dos Estudos Decoloniais. Afinal,

[...] a Literatura Comparada, apesar do seu cunho interdisciplinar e do afã de se autodefinir que marcou toda a fase referida, indicando a maleabilidade de seus limites, sempre demonstrou reconhecer fronteiras entre as disciplinas [...] – hoje estas fronteiras foram lançadas por terra, em consequência do questionamento que vem sendo empreendido cada vez com mais vigor em torno de seu próprio objeto de estudo – a obra literária – e dos demais pilares que até então sustentaram a sua construção, como os conceitos de “nação” e “idioma” (COUTINHO, 2017, p. 10).

Essa tendência plural na configuração metodológica da Literatura Comparada moderna tem dado possibilidade para o estabelecimento de inovadoras formas de abordagem do fenômeno literário, ancorado nos mais diversos vieses analíticos. Um desses vieses analíticos e metodológicos possibilitados pelas novas configurações do comparatismo literário moderno é justamente a residualidade literária e cultural, constructo teórico sistematizado pelo professor, ensaísta e poeta cearense Roberto Pontes, em cujo bojo centra-se uma forma de investigação do fenômeno literário calcada nos procedimentos dos Estudos Culturais em simbiose com as perspectivas analíticas da História das Mentalidades. Assim, as pesquisas literárias que sejam alicerçadas nesse constructo metodológico procuram investigar a dialética entre o presente e o passado, entre a tradição e a inovação no âmbito da literatura; procuram descortinar o modo pelo qual os aspectos ligados à mentalidade de tempos e culturas passadas perpetuam-se e renovam-se no fenômeno da longa duração histórica.

Assim, tem-se que o método de escrutínio analítico por meio da residualidade parte da análise cultural para a literária. Supõe uma primeira etapa atenta a toda espécie de elementos: ênfases, repetições, omissões, imagens, ambiguidades, estilos, *tópoi* etc. Isso é feito não pelo elemento em si, mas tendo em vista sua funcionalidade ao mesmo tempo estética, histórica e cultural. Essa é determinada como decorrente do intercâmbio de necessidades provenientes da estrutura formal, de necessidades psicológicas oriundas do tipo de indivíduo que escreveu a obra e de necessidades culturais de certo tipo de sociedade, num certo período. A residualidade volta-se à análise das heranças culturais e do modo que tais heranças corporificam-se no artista e, conseqüentemente, em sua obra. Desse modo, podemos dizer que a teoria da residualidade, em resumo,

[...] se caracteriza por aquilo que resta, que remanesce de um tempo em outro, podendo significar a presença de *atitudes mentais* arraigadas no passado próximo ou distante [...]. Mas a *residualidade* não se restringe ao fator tempo; abrange igualmente a categoria espaço, que nos possibilita identificar também a *hibridação cultural* no que toca a crenças e costumes (MARTINS, 2003, p. 518, grifos da autora).

Evidencia-se, portanto, que os métodos investigativos propostos pela residualidade vão além do aspecto intrínseco ao fenômeno literário, focalizando, também e principalmente, os aspectos extrínsecos à imanência do texto, ao objeto de análise, pois compreende que o texto literário só é passível de uma completa compreensão a partir da dialética entre os seus fatores internos, estruturadores da obra, em consonância com os fatores externos, de cunho contextual.

No sentido apresentado, percebe-se nitidamente que muito do *modus operandi* da residualidade tem fundamento nos métodos investigativos da Literatura Comparada em coadunação com os pressupostos dos Estudos Culturais, possibilitado pelas leituras e articulações de seu sistematizador, o professor e pesquisador Roberto Pontes. É, portanto, voltado para essa faceta do chamado Novo Comparatismo que se propõe o presente trabalho, objetivando apresentar algumas reflexões sobre o posicionamento da residualidade no âmbito da moderna crítica literária, bem como a sua sistematização teórica, fruto dessas apresentadas imbricações entre os fundamentos da moderna Literatura Comparada com os métodos investigativos dos *Cultural Studies*. Levando em consideração esses diálogos entre os referidos campos do saber, Roberto Pontes, no final da década de 90 e início dos anos 2000, apresentou a sistematização de seu constructo teórico<sup>2</sup>, divulgando-o inicialmente em suas pesquisas acadêmicas realizadas no Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, e posteriormente sendo divulgadas, também, por seus alunos-pesquisadores, em outros locais de pesquisa e ensino.

## **O NOVO COMPARATISMO E OS ESTUDOS CULTURAIS.**

Podemos afirmar, portanto, que o campo da Literatura Comparada, após o meado do século passado, passou paulatinamente por importantes mudanças em sua estrutura e formas de abordagem, notadamente a partir da década de 70. Num ensaio intitulado “Literatura Comparada, Literaturas Nacionais e o Questionamento do Cânone” (1996), o professor Eduardo Coutinho elabora algumas reflexões sobre essa virada no desenvolvimento dos estudos literários comparatistas. Enfatiza o autor que a disciplina tem sofrido, no período assinalado, um processo de renovação, marcada pelo discurso descentralizador, propenso à diversidade e, com isso, uma aproximação cada vez mais intensa com as questões culturais, ampliando

---

<sup>2</sup> Os primeiros passos do que viria ser a residualidade literária se deram em sua obra crítica *Poesia Insubmissa Afrobrasílica* (1999) e, anos depois, em 2006, Roberto Pontes passava a divulgar a sua sistematização metodológica em ensaios e conferências apresentadas nas Jornadas de Residualidade – evento acadêmico bienal –, ocorridas no seio do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará.

enfaticamente o cunho internacional e interdisciplinar de sua seara de pesquisa, que passou a abranger cada vez mais uma rede complexa de relações. Assim sendo, para o referido autor, as modernas propostas concernentes à renovação da disciplina tem trazido um caráter mais plural e interdisciplinar em seu cerne, de modo que:

Qualquer concepção monolítica da Literatura Comparada vem sendo hoje posta em xeque e muitas vezes substituída por propostas alternativas que busquem dar conta de seu caráter híbrido. Estas propostas, diversificadas e sujeitas a constante escrutínio crítico, indicam a pluralidade de rumos que o comparatismo vem tomando, em consonância perfeita com as tendências gerais da disciplina [...]. A Literatura Comparada é hoje [...] uma seara ampla e movediça, com inúmeras possibilidades de exploração, que ultrapassou o anseio totalizador de suas fases anteriores, e se erige como um diálogo transcultural, calcado na aceitação das diferenças (COUTINHO, 1996, p. 73).

Com isso, evidencia-se esse caráter transdisciplinar que tem recentemente vigorado no campo dos estudos literários a partir da transição efetivada nos estudos de humanidades, muito em decorrência da descentralização ocorrida em seu bojo, mormente a partir do período mencionado, isto é, após a década de 70, período de ascensão dos Estudos Culturais. A Literatura Comparada, como é evidente, também tem acompanhado essa inclinação à multidisciplinaridade e à descentralização no âmbito dos estudos de humanidades, como bem nos elucida a professora Tânia Carvalhal (1994), quando diz:

É natural que a Literatura Comparada tenha acompanhado a inclinação geral ao teórico que caracterizou, desde os anos 50 e 60, os estudos literários, quando esses sentiram a necessidade de uma fundamentação que lhes assegurasse maior objetividade de atuação e mais precisão em seus resultados de análise. Não poderia, pois, a Literatura Comparada ficar à margem desse movimento e deixar de valer-se da riqueza de conceitos operacionais que lhe foram postos à disposição pelas diferentes correntes teóricas (p. 11).

Torna-se notório, portanto, que essa efervescência e descentramento ocorridos no âmago das Ciências Humanas tenham contaminado, também, a Literatura Comparada em sua estrutura e em suas abordagens metodológicas. Desse modo, de forma cada vez mais contundente, os estudos literários de teor comparatistas passaram a se voltar a questões contextualizadas, ampliando sobremaneira o cunho interdisciplinar desse campo de investigação. As obras literárias não deviam mais ser abordadas por uma óptica exclusivamente estética, pois sendo manifestações culturais, deviam ser levadas em conta também as suas relações com outras áreas, no campo da história, da sociologia, da estética, dentre outros. Nesse sentido, a perspectiva linear do historicismo cede lugar a uma visão múltipla, capaz de envolver as específicas diferenças das diversas representações literárias de um povo, de uma sociedade,

de uma nação. É importante frisar que a posição teórica dos chamados *Cultural Studies* se caracteriza justamente pelo grau de importância dado a esses elementos extrínsecos ao objeto, mas que são considerados fundamentais na compreensão dos fenômenos culturais e artísticos de determinada agrupamento social. É o que informa Maria Elisa Cevasco (2003), quando afirma que:

A posição teórica dos Estudos Culturais se distingue por pensar as características da arte e da sociedade em conjunto, não como aspectos que devem ser relacionados, mas como processos que têm diferentes maneiras de se materializar, na sociedade e na arte. [...] Os elementos normalmente considerados externos a um projeto artístico ou intelectual – por exemplo, o modo de vida de uma determinada sociedade – são internos na medida em que estruturam a forma das obras e dos projetos que, por sua vez, articulam os significados e os valores dessa sociedade (p. 64).

Assim sendo, evidencia-se que as transformações ocorridas no seio dos estudos literários comparados não teriam, certamente, o mesmo grau de descentralização se não fosse o surgimento e o devido crescimento das pesquisas e abordagens relacionadas às noções de cultura e de identidade, bem como os estudos relacionados ao desconstrutivismo. De modo que para o estabelecimento dessas mudanças operadas no seio da Literatura Comparada teve papel decisivo essa eclosão dos Estudos Culturais, surgidas no universo acadêmico por volta da década de 60 a partir das contribuições teóricas de Richard Hoggart e de Raymond Williams, fundadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, na Universidade de Birmingham.

Refletindo sobre essa apontada contaminação de métodos e procedimentos dos Estudos Culturais aplicados à seara da Literatura Comparada, Sandra Nitrini (2015) assim se referiu a essa “modernização” do comparatismo literário:

[...] as teorias do pós-modernismo e os chamados *Cultural Studies* (fundamentalmente nas ideias de globalização, democratização e contextualização) ocupam nos anos 80 e 90, no âmbito acadêmico internacional, e, sobretudo, nos Estados Unidos, o espaço das discussões teóricas, ditando as diretrizes dos estudos literários e humanísticos, acatadas, por muitos, como uma proposta de renovação, em consonância com o contexto econômico, político, cultural e global do mundo de nossos dias, mas também não aceitas pacificamente por outros. O influxo de tais teorias e posturas faz-se presente na Literatura Comparada no Brasil no período que, sem dúvida, constitui um marco na história de sua institucionalização (p. 283).

Torna-se, pois, perceptível que essa virada ocorrida no meado do século passado em relação aos fundamentos da tradicional Literatura Comparada teve, de fato, uma notável participação dos Estudos Culturais, que possibilitou, entre outras coisas, que os estudos literários de teor comparatista encarassem novas perspectivas, tais como: a conjugação de análises dos aspectos extrínsecos e intrínsecos do texto literário, reflexões sobre o sujeito



humano e o sujeito sociológico da criação artística, ênfase na recepção e produção dos bens culturais. Acreditamos, particularmente, que as maiores contribuições dos *Cultural Studies* no interior do moderno comparatismo literário se inserem na construção de uma efetiva transdisciplinaridade, cuja consequência mais evidente se faz notar na adoção de vieses metodológicos diversos quando na análise do objeto literário, bem como a suas relações com outras áreas do saber. Nesse sentido, concordamos com os dizeres de Richard Johnson (2010), quando afirma que “Os Estudos Culturais, em seu desenvolvimento, exerceram uma grande influência sobre as disciplinas acadêmicas, especialmente sobre os Estudos Literários, a Sociologia, os Estudos de Mídia e Comunicação, a Linguística e a História” (p. 09), e arremata, enfatizando a sua contribuição e influência no âmago dos estudos literários, ao dizer que “Na história dos Estudos Culturais, os primeiros encontros foram com a crítica literária. Raymond Williams e Richard Hoggart [...] desenvolveram a ênfase na avaliação lítero-social, mas deslocaram-na da literatura para a vida cotidiana” (p. 10).

Tais contributos, aqui elencados de modo sumário, possibilitaram a mencionada renovação e atualização do campo da Literatura Comparada, erigindo-a como uma disciplina e área cada vez mais harmonizada às questões plurais, em perfeita consonância aos novos rumos proporcionados pela globalização e pelo multiculturalismo, progressivamente mais atuantes no interior das Ciências Humanas. Nesse quesito, somos concordes com a opinião do crítico americano Jonathan Culler (1999), que enxerga de modo positivo essas contribuições dos *Cultural Studies* à seara dos estudos literários. Para esse autor:

O impacto [dos Estudos Culturais] foi expandir o arco de questões às quais as obras literárias podem responder e focar a atenção nos diferentes modos através dos quais elas resistem a ou complicam as ideias de seu tempo. Em princípio, os Estudos Culturais, com sua insistência no estudo da literatura como uma prática de sentido entre outras, e no exame dos papéis culturais dos quais a literatura foi investida, podem intensificar o estudo da literatura como um fenômeno intertextual complexo (p. 52-53).

Em consonância, pois, com essas novas diretrizes dos estudos literários de teor comparatista, amalgamado às abordagens possibilidades pelo advento dos *Cultural Studies*, é que surge a sistematização da residualidade como um dos modos de se operar com os métodos investigativos da Literatura Comparada, que, como visto, coloca-se cada vez com mais empenho na compreensão do objeto literário como um “fenômeno intertextual complexo”, conforme a elucidação de Culler, acima transcrita. Foi, portanto, caminhando nesse direcionamento que o professor e pesquisador Roberto Pontes, antenado a essa atmosfera plural e descentrada ocorrida no seio do moderno comparatismo literário, procurou elaborar e

sistematizar um método próprio de investigação científica voltada à cultura e à literatura nacionais. Tal sistematização, oriunda de suas múltiplas leituras e incansável trabalho de pesquisa acadêmica, foi o que deu origem à teoria da residualidade literária e cultural<sup>3</sup>.

### **A RESIDUALIDADE NO ÂMBITO DO NOVO COMPARATISMO.**

Pelo que ficou exposto até aqui, evidencia-se que a sistematização operada pelo professor e pesquisador Roberto Pontes acerca da residualidade literária e cultural se deu justamente em consonância a esses influxos das novas correntes do pensamento no âmbito da Literatura Comparada, tal quais os já citados Estudos Culturais. De modo que a elaboração desse constructo teórico é, nas palavras de seu proponente, “[...] uma sistematização de origem brasileira, proveniente das décadas de 60 e 70 do século XX, mesmo admitindo as contribuições de pensadores estrangeiros, pois a ciência não é compatível com xenofobia” (PONTES, 2020, p. 39-40), admitindo, portanto, a confluência de noções, métodos e teorias oriundas das mais diversas áreas do saber humano, com especial destaque ao campo dos Estudos Culturais de índole britânica, principalmente por meio do pensamento do teórico galês Raymond Williams. Assim é que:

[...] a teoria da residualidade confina com a Sociologia e a Antropologia, sobretudo com o vigoroso pensamento de Raymond Williams, ex-professor nas universidades de Oxford e Cambridge. Williams foi o único a dedicar, antes de nós, duas páginas a respeito da residualidade. Suas observações se acham num capítulo de *Marxismo e Literatura*. Além deste livro, importante se faz a leitura de outro, do mesmo autor, intitulado *Cultura* (PONTES, s/d, p. 04).

Em determinadas páginas<sup>4</sup> de seu *Marxismo e Literatura* (1979), Williams desenvolveu algumas de suas reflexões sobre as formações dos processos culturais das sociedades, e procurou explicar a consolidação desse processo dentro da complexa malha que forma as interações no âmbito de uma sociedade. Para esse pensador, o fenômeno cultural se desenvolve, em qualquer sociedade, pela interação contínua e permanente de elementos por ele denominado de *emergente*, *arcaico* e *residual*. Tais elementos auxiliariam na formação da chamada cultura dominante de quaisquer sociedades. O professor Roberto Pontes, em seu trabalho de investigação acadêmica, soube com muita perspicácia dirigir um atento olhar para as

---

<sup>3</sup> Para uma compreensão mais judiciosa acerca da sistematização desse constructo teórico no âmbito dos estudos literários, Cf. PONTES, Roberto. “Pródromos Conceituais da Teoria da Residualidade”. In: LIMA *et al* (orgs.). *Matizes de Sempre-Viva: Residualidade, Literatura e Cultura*. Macapá: UNIFAP, 2020.

<sup>4</sup> Cf. WILLIAMS, Raymond. “Dominante, Residual e Emergente”. In: \_\_\_\_\_. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.



possibilidades de imbricações entre esses conceitos elaborados e trabalhos por Williams em suas reflexões sobre os processos culturais, e aplicá-los, com as devidas aclimações e renovações, no interior do arcabouço metodológico da Literatura Comparada. De modo que a noção do que vem a ser *residual* ganha importância central nas pesquisas da residualidade literária sistematizada pelo pensador cearense.

Aliando as já mencionadas noções teóricas de Williams no âmbito dos processos culturais, e coadunando-as com o pensamento sociológico do intelectual brasileiro Guerreiro Ramos, foi que se desenvolveram os primeiros “insights” acerca da residualidade no âmbito dos estudos literários comparatistas. Refere-se Roberto Pontes a esse processo de imbricação teórica nos seguintes termos:

Antes de Williams já estava nesta mesma área de lindagem o sociólogo brasileiro Guerreiro Ramos, em cuja obra fomos encontrar pela primeira vez o “insight” da residualidade. Seu livro *Introdução à Cultura* nos revelou estar a visão de mundo de uma época muito bem posta em determinadas obras literárias, de modo que estas são expressões de mentalidade epocal; do mesmo modo nos convenceu ser a obra considerada erudita não mais do que o refinamento, isto é, a cristalização do substrato inventivo popular (PONTES, s/d, p.04).

Assim sendo, fica bem evidenciado que o trabalho operado pelo professor e pesquisador cearense na sistematização da residualidade voltou-se sobremaneira ao modo como uma cultura literária se desenvolve no tempo e no espaço, *cristalizando-se* em seus múltiplos processos de *hibridização*, resultado da confluência dos mais diversos *resíduos* formadores de *mentalidades*. Afinal de contas, na visão de Pontes (1999), “[...] a cultura consiste numa contínua transfusão de *resíduos* indispensáveis ao recorte próprio da *identidade nacional*, qualquer que seja esta” (p. 163).

Pelos motivos apresentados, guardamos a convicção de que no âmbito da moderna crítica e investigação literária, a residualidade mostra-se como uma das formas possíveis de se analisar e estudar comparativamente as obras da literatura, inserindo-se na fronteira das correntes críticas de viés sociológico coadunadas aos Estudos Culturais. Esse amálgama de vieses teóricos na busca pela compreensão do fenômeno literário tem sido mesmo uma constante no recinto da moderna crítica. É o que se tem chamado de “tecnologização dos conceitos interpretativos” que, segundo Durão (2016), se dá “por meio da relação da crítica com outras áreas das ciências humanas” (p. 95). Nesse sentido, podemos dizer que, nos tempos atuais, o procedimento interpretativo mais comum não é somente o de confrontar obras diversas, mas relacioná-las a arcabouços teóricos das mais diferentes espécies e origens.

Essa qualificação da residualidade como constructo teórico e investigativo que se aproveita de arcabouços conceituais de matizes diversos é antes uma qualidade que defeito, visto que a moderna crítica e investigação literária tem buscado libertar-se da exclusividade na imanência do texto, almejando, também, a compreensão do fenômeno literário por meio de explicações oriundas de áreas extraliterárias, pois apesar de a crítica literária centrar-se, como é evidente, no texto, isso não significa que:

[...] não tenha o que dizer sobre a história ou a sociedade. Por mais estranho que possa parecer, muitas vezes é mais fácil alcançar obliquamente uma visão profunda do mundo a partir daquilo que ela produz (e aparentemente não possui uma finalidade prática), do que o encarando frontalmente, de uma posição acima de tudo e de todos (DURÃO, 2016, p. 22).

Até mesmo por esse motivo, percebe-se que o *know-how* proposto pelas pesquisas literárias com base na residualidade se articulam em perfeita simbiose para com os pressupostos apregoados pelos *Cultural Studies*, em justa consonância aos novos imperativos dos estudos literários de índole comparatista. É por esse motivo que a residualidade apresenta-se como um método investigativo diverso, *stricto sensu*, das correntes comparatistas tradicionais (estruturalistas), centradas na autonomia e autossuficiência do texto literário. Por isso, insistimos na ligação desse constructo teórico aos novos paradigmas do comparatismo literário, visto que, atualmente,

[...] a Literatura Comparada, como disciplina de investigação universitária, não se baseia na comparação. Ou antes, não se baseia apenas na comparação. De fato, trata-se, sobretudo, muito mais frequentemente, muito mais amplamente, de relacionar. Relacionar o quê? Duas ou mais literaturas, dois ou mais fenômenos culturais; ou, restritamente, dois autores, dois textos, duas culturas de que dependem esses escritores e esses textos. E trata-se também, obviamente, de justificar de maneira sistemática essa relação estabelecida. [...] a Literatura Comparada proporciona o diálogo não só entre as literaturas e as culturas, mas também entre os métodos de abordagens do fato e do texto literários (MACHADO *et al.*, 1988, p. 17).

A contínua relação entre esses “métodos de abordagens” tem mesmo conseguido um crescente espaço no âmbito da Literatura Comparada, tendo em vista a justamente a compreensão em torno da complexidade que envolve o objeto literário em suas relações com o contexto histórico, político e social, bem como em suas relações com o próprio acervo da tradição literária. Esse contínuo diálogo de determinada produção literária para com outras literaturas ou outras atmosferas culturais é o fundamento central das propostas investigativas da residualidade literária e cultural, sistematizada pelo professor Roberto Pontes, em perfeita consonância às novas roupagens da Literatura Comparada. Podemos afirmar, portanto, que o

método investigativo da residualidade não se restringe tão somente aos aspectos textuais do objeto literário em seu trabalho de cotejamento, mas direciona o olhar, também e principalmente, aos aspectos de cunho cultural, histórico e contextual em que as obras estão inseridas, buscando compreender as suas imbricações para com os *resíduos* formadores de *mentalidade*. Nesse sentido, a residualidade insere-se naquela vertente comparatista em que se busca investigar e compreender as relações do objeto literário e cultural com a sua tradição formadora, com o acervo já estocado na história da literatura. Sobre a sistematização desse constructo teórico voltado à crítica literária, José William Craveiro Torres, em seu ensaio intitulado “Alusão, Intertextualidade e Residualidade” (2017), teceu pertinentes considerações, ao dizer que:

[...] a *residualidade* estuda mesmo influências culturais que um povo (ou que um artista) recebe de outro(s) povo(s) (ou de outros artistas), que o antecedeu(ram) imediata ou remotamente. O âmbito de atuação da *residualidade* é, portanto, o da cultura, o da influência cultural (p. 167).

E arremata, ao distinguir esse método de investigação (a residualidade, evidentemente) em relação a outros métodos, ancorados, de igual modo, na vertente do comparatismo:

A *residualidade* [...] é um fenômeno mais amplo e, por isso mesmo, mais complexo, porque não se circunscreve apenas aos limites dos textos; está, antes, no plano das ideias, de modo que aqueles, os textos, só lhe servem como meios para chegar a estas, as ideias. A *residualidade* procura estudar [...] como os modos de agir, de pensar e de sentir de certo grupo ou de certa camada social dum período histórico, noutras palavras, como os *imaginários* de um determinado agrupamento ou classe social numa dada época, foram parar, tempos depois, noutra civilização. Sendo assim, a *residualidade* pode utilizar quaisquer objetos como fontes de estudo. Por acaso, pode realizar sua análise comparatista com base em obras literárias, [...] mas não necessariamente (p. 177).

Evidencia-se, pois, que o professor e pesquisador Roberto Pontes, aproveitando-se dos influxos recebidos ao longo de sua formação acadêmica, por meio de suas constantes leituras e pesquisas na seara dos estudos literários e culturais, soube direcionar e equalizar os diversos conceitos, noções e métodos investigativos na sistematização de sua teoria, sempre ancorado nos pressupostos fundamentados da Literatura Comparada. O fruto dessa arqueologia bem sistematizada foi o que redundou no desenvolvimento do método investigativo da residualidade literária e cultural, já apresentada a diversos institutos locais e nacionais de fomento à pesquisa, como a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará – UFC – , o Grupo de Trabalho – GT – da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras

e Linguística – ANPOLL – e o Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq –, nos quais foi muito bem acolhida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Pelo que ficou aqui apresentado, torna-se evidente que a pertinência de uma abordagem dos estudos literários que não se limite com exclusividade nos recursos internos parece, em alguns casos, ser mais adequada à natureza do objeto de análise, procurando, também, evidenciar e compreender as relações que o objeto literário possa estabelecer com os aspectos da vida social. Não se quer, com isso, afirmar que se deva menosprezar a função estética dos procedimentos formais da análise literária, pois na verdade é deles que a potência emancipatória do texto literário deriva, porém se incorre muitas vezes em erro erigi-los como procedimento principal do trabalho investigativo. O determinante para o método a ser utilizado na investigação do objeto literário deve ser sempre o próprio objeto e o direcionamento do que se pretende investigar e analisar. Nesse sentido, a residualidade torna-se uma das vias pelas quais o estudo comparatista de uma obra literária pode se efetuar, quando se almeja, principalmente, lançar um olhar mais amplo sobre o objeto de investigação, buscando compreendê-lo em sua relação com a história e em suas articulações com os *substratos mentais* operantes de sua formação.

Desse modo, a residualidade mostra-se como uma das vertentes possíveis de investigação que seja ambientada nos pressupostos da Literatura Comparada, pois esta tem se mostrado, em sua constituição, um campo amplo e fértil, comportando em seu terreno os mais variáveis métodos de escrutínio analítico, pois, como nos lembra A. Owen Aldridge (1994),

[...] por causa da vastidão do material e da multiplicidade de problemas encontrados na Literatura Comparada, não existe um método ideal ou um modelo para o estudo. A terminologia metodológica é, quando muito, ambígua, e inúmeros métodos diferentes podem ser utilizados, ainda que tratando do estudo de um mesmo problema (p. 259).

A residualidade configura-se, portanto, como um dentre esses inúmeros métodos capazes de averiguar e investigar a literatura em sua relação contínua com o acervo da tradição, com a história, com a política, com as ideologias dominantes, com os rastros de mentalidades formadores da cultura, etc. Assim, esse constructo metodológico se abre a um espaço próprio de investigação acadêmica, calcada nas noções e conceitos oriundos dos campos relativos aos Estudos Culturais, à História, à Sociologia e à Teoria da Literatura. Portanto, a sistematização em torno da residualidade, conforme intentamos demonstrar nesse trabalho, encontra-se em

consonância com as tendências e propriedades ligadas ao espaço próprio da pesquisa acadêmica, conforme bem salientou Sandra Nitrini (2015), ao tecer comentário sobre o surgimento de novas correntes de ideias no âmbito das atuais pesquisas acadêmicas em torno da Literatura Comparada, pois que:

É próprio a qualquer espaço institucional ligado à universidade abrir-se para as mais diferentes correntes de ideias, oferecer condições para que se discuta sobre elas e se desenvolvam estudos teóricos, críticos e analíticos amparados coerentemente nas mais diversas tendências (p. 283).

De modo que, de maneira sumária, podemos afirmar, sem riscos de equívoco, que as contribuições investigativas da metodologia alicerçada na residualidade literária e cultural inserem-se naquilo que o professor Eduardo de Faria Coutinho (2017) chamou de “Novo Comparatismo”, apoiado nas renovações operadas no seio dos estudos literários com a voga dos Estudos Culturais, do Desconstrutivismo e dos Estudos Decoloniais, que colocaram em xeque-mate os paradigmas tradicionais no âmbito da Literatura Comparada.

Portanto, a partir das elucidações apontadas, acreditamos ter evidenciado o *modus operandi* possibilitado pela metodologia dos estudos ancorados na residualidade literária e cultural, bem como a sua posição na moderna crítica de base comparatista, cujo “[...] grande mérito de compreender, classificar e analisar a cultura e a literatura como *resíduo* vem a ser o de delimitar um espaço próprio de investigação [...]” (PONTES, s/d, p. 02), e com essa postura teórico-metodológica “abre-se fosso abissal entre o conhecimento apoiado em base *exógena* para compreender e analisar o que somos, como somos e o que podemos ser, e o assente em base *endógena*, cuja capacidade interpretativa é muito mais vantajosa e apropriada ao exame do mesmo objeto” (PONTES, s/d, p. 02-03, grifos do autor).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALDRIDGE, A. Owen. “Propósito e Perspectivas da Literatura Comparada”. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia. (Orgs.). **Literatura Comparada: Textos Fundadores**. Trad. Sonia Torres. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

CARVALHAL, Tânia. “Teorias em Literatura Comparada”. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, volume 02, número 02, 1994.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições Sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COUTINHO, Eduardo de Faria. “Literatura Comparada, Literaturas Nacionais e o Questionamento do Cânone”. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Volume 03, número 03, 1996.

\_\_\_\_\_. “O Comparatismo e Seus Diálogos nos Tempos de Hoje”. In: **ComparArte**. Rio de Janeiro, volume 01, número 01, Jan.-Jun. 2017.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: Uma Introdução**. Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **O Que é Crítica Literária?** - São Paulo: Nankin Editorial/Parábola Editorial, 2016.

JOHNSON, Richard. “O Que é, afinal, Estudos Culturais?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org. e trad.). **O Que É, Afinal, Estudos Culturais?** 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MACHADO, Á. M.; PAGEAUX, D. H. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARTINS, Elizabeth Dias. “O Caráter Afrobrasílico, Residual e Medieval no Auto da Compadecida”. In: LEÃO VAZ, Ângela; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira (orgs.). **Anais do IV Encontro de Estudos Medievais**. Belo Horizonte: ABREM/PUC-Minas, 2003.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2015.

PONTES, Roberto. “Entrevista sobre a Teoria da Residualidade, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/06”. Fortaleza: (mimeografado), 2006.

\_\_\_\_\_. “Lindes Disciplinares da Teoria da Residualidade”. Fortaleza: (mimeografado), [s/d].

\_\_\_\_\_. **Poesia Insubmissa Afrobrasílica**. Fortaleza: EDUFC/Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.

\_\_\_\_\_. “Pródromos Conceituais da Teoria da Residualidade”. In: LIMA *et al* (orgs.). **Matizes de Sempre-Viva: Residualidade, Literatura e Cultura**. Macapá: UNIFAP, 2020.

TORRES, José William Craveiro. “Alusão, Intertextualidade e Residualidade: Aproximações e Distanciamentos”. In: PONTES, Roberto *et al*. (Orgs.). **Residualidade e Intertemporalidade**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

WILLIAMS, Raymond. “Dominante, Residual e Emergente”. In: \_\_\_\_\_. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

Recebido em: 27/10/2023

Aprovado em: 08/12/2023

Publicado em: 09/04/2024



10.29281/r.decifrar.2023.3a\_13